

## **Live: gabarito de 18 questões das 1ª e 2ª listas de questões de Economia Política Clássica – 2020**

1. *Qual o sentido da crítica em Marx? O que é criticar a economia política, segundo Marx?* (questão 7 da 1ª lista)

Marx acredita em uma crítica internalista, capaz de mostrar que o sistema de ideias a ser criticado possui contradições quando analisado em seus próprios termos. Criticar a economia política, nesse sentido, consiste em, tomando os conceitos e método do próprio David Ricardo (o melhor economista clássico na avaliação de Marx), elaborar uma crítica internalista. Tal crítica concentra-se no estudo da força e da fraqueza do pensamento econômico aplicado à realidade capitalista. Ao mesmo tempo em que mostra o caráter limitado da economia política, Marx procura aprimorá-la no sentido de dotar a teoria de real poder de interpretação e de explicação do modo de funcionamento da economia burguesa. Tal economia é posicionada como sendo um dentre vários regimes que se desenvolveram ao longo da evolução histórica. Ao cabo, Marx pretende demonstrar cientificamente o desenvolvimento necessário da economia capitalista.

2. *Qual o “caminho da verdade”, para Demócrito?* (questão 20 da 1ª lista)

O caminho da verdade passa pelo bom uso dos cinco sentidos humanos. Mas Demócrito argumenta que nem sempre aquilo que tais sentidos nos dizem sobre o mundo é digno de crédito. Nem sempre as sensações e as percepções correspondem exatamente à realidade das coisas como elas realmente são. É preciso, portanto, separar o conhecimento legítimo do conhecimento falso (bastardo). Para tanto, cumpre submeter nossas sensações e percepções naturais das coisas a uma análise rigorosa que possa separar o objetivo do meramente subjetivo. As sensações resultam de um processo de interação entre os fenômenos externos, nosso aparelho perceptivo e nosso sistema nervoso. O que vai por trás de nossa experiência mental dos diferentes sons, cores, tatos, gostos e cheiros das coisas tem uma base física. O mundo, como ele é de fato, nada mais é do que átomos que estimulam nossos sentidos.

3. *Comente a passagem do livro A Ilusão da Alma, de Eduardo Giannetti: “O que separa Sócrates de Demócrito é a motivação dos seus projetos filosóficos e as visões de mundo que dela decorrem. O projeto socrático é essencialmente ético [...] Já o projeto atomista é essencialmente cognitivo...”* (questão 24 da 1ª lista)

O projeto de Sócrates centraliza o estudo da ética. Como tal, o filósofo pretende submeter as ações humanas e o curso dos acontecimentos a valores e juízos acerca do que é melhor. Sócrates oferece caminhos para o autoconhecimento do homem, os quais poderiam elevar a condição deste. Além disso, ele procura oferecer uma explicação em termos de causas mentais, na crença de que a pessoa age com base em motivos, crenças, intenções e valores. Já Demócrito não é movido pela vontade de transformar a realidade, mas pelo desejo de

conhecê-la. Não se preocupa com a questão do bem e do mal, mas com a ciência. Enfatiza as investigações naturalistas dentro de um projeto de explicar os fenômenos em termos de causas puramente físicas e em termos dos mecanismos que regem o funcionamento do sistema nervoso.

4. *Por que, para Feuerbach, a religião separa a essencialidade e a realidade do homem?* (questão 30 da 1ª lista)

A essência do homem é o que deveria ser o verdadeiro objeto da reflexão filosófica. Tal essência só pode ser encontrada no ser genérico, no que há de essencial na espécie, no homem em si e tal como se relaciona com seu mundo. Mas a religião abstrai o mundo, refere-se apenas às coisas na sua manifestação, e vê em cada manifestação a figura de Deus. Assim, ao invés do que há de essencial no homem, ela só considera Deus como essência. Nada vê no mundo concreto da realidade humana, pois tal mundo é nulo para a religião. Quanto mais a religião esvazia o mundo concreto, mais a vida humana se volta ao enfoque do homem religioso, vazio de coisas mundanas; mais o religioso refugia-se em si. Assim é que a realidade do homem é negada em prol do mundo mítico da religião. Se o religioso entra no mundo, entra em relações polêmicas com ele, e procura modificar o mundo e os homens, para conquistar o mundo e conduzir até Deus. A negação do mundo, e da realidade do homem, faz com que o próprio homem se perca de sua realidade, assim é que a essencialidade do homem se perde e só resta o apego a um ser extra e supramundano, o Deus imaginado. O homem se anula e se torna apenas uma imagem e semelhança do ser divino imaginado. Deus, portanto, é a objetivação da consciência humana que se esquece de sua própria realidade. É também a consciência de si falseada, pois tida como divina e objetiva; consciência como essencialidade absoluta, não como consciência da verdadeira essência humana como ser genérico.

5. *Comente a Trindade na teoria do valor: valor de uso, valor de troca e valor.* (questão 42 da 1ª lista)

O valor, o valor de uso e o valor de troca determinam-se reciprocamente em termos de uma relação dialética. Os dois primeiros devem ser pensados como polos antagônicos, como tese e antítese. O valor de troca deve ser pensado como ato unitário e unificador das contradições em uma síntese dialética. O valor é quantitativo e homogêneo, o valor de uso é qualitativo e heterogêneo. O valor de troca, a síntese, é relacional. O valor representa o tempo de trabalho socialmente necessário, ou abstrato, para a produção da mercadoria. Tal mercadoria interessa ao comprador pelo valor de uso e pelo seu valor de troca. Há, assim, uma dicotomia no valor entre uso e troca: usa-se ou troca-se a mercadoria, não se pode usufruir os dois tipos de valores ao mesmo tempo. Mas a mercadoria é uma unidade, tem os dois aspectos. Há um aspecto dual no conceito unitário de mercadoria, entre valor de uso e valor (tempo de trabalho socialmente necessário) que na prática do mercado se funde no terceiro conceito que é o valor de troca. O valor de uso serve de suporte ao valor (pois para ter valor a mercadoria deve ser útil). Quem origina quem? Os valores de troca o valor, ou o contrário? São os valores de troca que originam os valores de uso, ou o inverso? São relações dialéticas. Não podemos falar de valor de troca sem valor de uso. Nem de valor sem falar em valor de uso. Não podemos falar de

nenhum desses conceitos sem falar dos outros. São relações de uma totalidade, a santa Trindade da economia.

6. *Comente a seguinte passagem da mesma obra [Introdução à Crítica do Direito de Hegel]: “Assim como as nações do mundo antigo vivenciaram a sua própria pré-história na imaginação, na mitologia, nós, alemães, vivenciamos a nossa pós-história no pensamento, na filosofia. Somos contemporâneos filosóficos do presente, sem sermos seus contemporâneos históricos”.* (questão 46 da 1ª lista)

Marx avalia que a realidade alemã de sua época estaria defasada em relação à realidade moderna (tal como se nota em países mais avançados como França e Inglaterra). O fato histórico mais importante, que marca a passagem para a modernidade, foi a Revolução Gloriosa, na Inglaterra, e a Revolução Francesa. Mas nenhum movimento desse tipo ocorreria na Alemanha. Por isso que a Alemanha não é contemporânea histórica dos demais, não vive sua pós-história na vida concreta. Mas a vive apenas no pensamento. Pois, a filosofia alemã pensou a Revolução Francesa, a modernidade e o que vem depois (e ainda não se realizou). Assim sendo, a Alemanha é contemporânea de seu tempo só pela filosofia. A filosofia de Hegel, para Marx, pensou a realidade alemã e a realidade universal, e está acima do que se realiza lá fora.

7. *Por que, em Marx e em Hegel, não há uma rigorosa oposição entre “o que é” e “o que deve ser”?* (questão 51 da 1ª lista)

A descrição e a crítica da realidade são dois momentos distintos, mas profundamente inter-relacionados, para Marx. Critica-se teoricamente a realidade (consciência teórica) e a ideia que os homens fazem dela (consciência espontânea). “O que é” diz respeito à realidade tal como se apresenta no estágio atual do devir histórico. Tal realidade apresenta-se de modo falso e invertido. Assim sendo, a consciência espontânea só pode ser igualmente falsa e invertida. Marx procura então o caminho para a verdadeira consciência, a teórica. A teoria busca a razão e o que corresponde à razão está presente na realidade. Não a realidade falsa do regime histórico, mas a real realidade racional do pensamento filosófico. A razão está sempre ativa no decorrer da história, mas ela não se apresenta à consciência espontânea, porque se vive uma realidade invertida. A filosofia procura assim favorecer a realização do racional, fazer a razão realizar-se por inteiro e tomar consciência de si. Nesse sentido, em Marx e em Hegel não haveria a oposição entre “o que é” e o “o que deve ser”, entre o positivo e o normativo. Pela filosofia se pode, da análise da realidade, extrair o que é, a análise positiva, e, ao mesmo tempo, a razão de ser, o objetivo do que é, a análise normativa. Assim sendo, o que deve ser também está implicado na razão que a crítica descobre na realidade.

8. *Qual o grande equívoco da filosofia especulativa na crítica de Marx em A Sagrada Família?* (questão 64 da 1ª lista)

Começamos pelo famoso exemplo das frutas. A relação normal é que pensemos as frutas específicas (pera, maçã, amêndoa...) como realidades concretas. O predicado (atributo) seria então o conceito de fruta. Todas são frutas, um coletivo. Assim o correto é que se

pense o concreto como concreto e conceito abstrato como atributo do sujeito. Mas não seria essa a orientação da filosofia de Hegel, pois nela fruta é conceito que se manifesta ora sob a forma de pera, ora sob a forma de maçã e ora sob a forma de amêndoa. O conceito, que é atributo das frutas reais, vira, portanto, o sujeito fruta que se manifesta sob forma de pera etc. As realidades concretas se tornam assim o predicado do conceito de fruta (essência profunda das coisas). Há, portanto, uma inversão das relações de sujeito e objeto. Para Marx, realidades concretas são particulares, pertencem a conceitos que são gerais e cujos termos ordenam a realidade concreta. A filosofia especulativa, por outro lado, toma o conceito como sendo “a alma viva das realidades particulares”; apresenta o devir das realidades particulares como aparições sucessivas do conceito dado como essência da realidade. Sendo assim, ela não faz mais do que objetivar as qualidades que não são mais do que predicados.

9. *Qual o critério de realidade do jovem Marx?* (questão 64 da 1ª lista)

A verdade do homem é a verdade da sociedade, e o critério de realidade ou de verdade é de caráter antropológico: o homem definido ao mesmo tempo como um ser trabalhador e um ser social. Mas tal verdade do homem e da sociedade, para Marx, é definida a cada época histórica. Cada regime realiza a verdade do homem e da sociedade. Na sociedade burguesa, a realidade autêntica, a realidade verdadeira, é a sociedade civil, o sistema econômico, o sistema de necessidades, o homem no trabalho. Além disso, há a participação do indivíduo na coletividade. E isso se dá pelo trabalho. Invertendo as relações hegelianas entre sujeito e predicado, para Marx, a realidade é o homem concreto, o sujeito real que se descobre na sociedade civil, nas relações econômicas.

10. *Por que, para Marx, a raiz da alienação na ordem econômica encontra-se na propriedade privada?* (questão 71 da 1ª lista)

O conceito de alienação, no jovem Marx, começou a ser empregado na crítica à religião. Na religião, o homem religioso é um alienado, pois vive em um mundo de ilusões, e não se realiza completamente no mundo concreto. Dessa aplicação, Marx passa à alienação na política. Na vida política no capitalismo, o burguês alienado adquire a ilusão de uma participação na coletividade, participação que ele não exerce na vida real, que é a vida econômica. A vida política é ilusão, falsa aparência. O homem no capitalismo vive na “cidadania abstrata” (como no sonho religioso) porque não cumpre sua vocação humana na sociedade civil. Depois, Marx aplicou o conceito de alienação à crítica da economia política. Nesse campo, a origem de todas as alienações reside na alienação do trabalho. Por seu lado, a raiz da alienação do trabalho encontra-se na propriedade privada, porque a propriedade privada é a expressão da alienação do trabalho.

11. *Por que, na crítica de Marx, Hegel não consegue reestabelecer a unidade fundamental entre burguês e cidadão?* (questão 75 da 1ª lista)

Para Marx, entre a sociedade civil (burguês) e o Estado (universalidade, cidadãos) as mediações concebidas por Hegel são falsas. As mediações de Hegel não operam no capitalismo (mas somente em fase histórica anterior). Hegel não consegue reestabelecer a unidade fundamental entre burguês e cidadão, homem trabalhador e homem político, homem em atividade econômica e homem em atividade política. Na ótica de Marx, o cidadão figura no empíreo (lugar mitológico) estatal, mas o homem real, o homem trabalhador, é o homem da sociedade civil, e esse homem não é ao mesmo tempo um homem universal. Há o despedaçamento da sociedade em que vivemos entre o homem do trabalho e o homem do Estado, entre o burguês e o cidadão.

12. *Até que ponto o jovem Marx, nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, já teria abandonado o método filosófico hegeliano de acompanhar o movimento dos conceitos na explicação científica do devir do regime econômico?* (questão 86 da 1ª lista)

Marx, nessa altura de sua trajetória intelectual, não abandonara o método filosófico hegeliano de acompanhar o movimento dos conceitos. Pelo contrário, ele o aplica na compreensão da realidade econômica. Marx quer estudar e compreender o funcionamento do regime econômico burguês, mas também examinar a transformação histórica desse regime a partir das suas próprias leis de funcionamento. Busca, assim, uma explicação pela teoria do devir histórico. Nesse sentido, utiliza a estratégia hegeliana de acompanhar o movimento dos conceitos. No movimento estaria então a explicação científica do devir do regime econômico. Por esse caminho, ele chega à explicação teórica do movimento da história. No entanto, o conceito deve descrever o objeto real e específico, e não o atributo genérico. O predicado não se torna sujeito e o conceito é a abstração do ser concreto, do específico.

13. *Por que Marx diz que, para a revolução, o que importa é o desenvolvimento das forças produtivas?* (questão 7 da 2ª lista)

Marx trabalha com a relação dialética entre os conceitos de forças produtivas e relações de produção (entendida fundamentalmente como relações de propriedade). O primeiro conceito refere-se às condições de produção econômica, o segundo reporta-se à forma jurídica/institucional (com expressões e contrapartidas nas crenças políticas, religiosas, artísticas e filosóficas, as formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência da realidade social e do conflito que viceja nela). Haveria, na ótica de Marx, certas contrariedades da vida material que condicionam a própria tomada de consciência do homem de si mesmo. O desenvolvimento da história é visto na perspectiva do devir. Tal devir histórico é identificado e impulsionado pela alegada contradição entre forças produtivas (capacidade social de produzir, capacidade técnica e científica, organização etc.) e relações de produção (relações de propriedade, divisão da renda nacional etc.). O movimento histórico teria, portanto, uma lógica intrínseca e, como tal, não dependeria de qualquer acidente político, expressando fundamentalmente uma necessidade histórica.

Assim as revoluções desempenham uma função necessária, dadas as condições históricas. O problema resume-se a saber quando se darão as condições históricas, quando se dará a passagem do capitalismo para o comunismo. Em todo caso, é pré-requisito para a revolução que as relações de produção socialistas amadureçam mesmo com a sociedade ainda capitalista. O desenvolvimento das forças produtivas é o que importa para a revolução, pois as condições para essa revolução estarão dadas sempre que os meios de produção (forças produtivas) se desenvolvam mais que as relações de produção.

14. *Por que o sociólogo Aron escreve que “o verdadeiro materialismo [de Marx] é o naturalismo”?* (questão 19 da 2ª lista)

De fato, para Raymond Aron Marx oferece uma concepção do homem que é o naturalismo consequente ou o humanismo, o que o coloca em oposição ao idealismo. Isso porque, para Marx, o homem é definido como ser biológico e ser social. Marx faz da relação social do homem ao homem o princípio básico da teoria. Com isso, procura fundar o materialismo e a ciência real. O homem concreto, homem ser natural, aparece para ele na base de toda filosofia. Mas o materialismo de Marx não é propriamente o *fisicalismo*, não há ele nenhuma consideração explícita de um materialismo metafísico. Há apenas uma definição particular, e peculiar, de homem. Por isso que Aron assevera que o materialismo de Marx é o naturalismo. Nesse naturalismo, o homem concreto ou o homem ser biológico é o sujeito, a substância. Ao enfatizar a relação entre os homens, o homem é ao mesmo tempo um ser social. Assim, combinando os pensamentos de Hegel e de Feuerbach, Marx substitui a substância hegeliana assentada nas ideias pelo ser concreto, o ser natural, uma espécie de naturalismo aplicado à compreensão da história.

15. *Por que se diz que Marx pretende substituir o processo metafísico hegeliano pelo processo real do homem concreto?* (questão 26 da 2ª lista)

Marx e Hegel comungam entre si a mesma crença básica de que o homem se cria a si mesmo, o homem tido como história do homem. O homem cria realidades objetivas que se tornam exteriores e estranhas. Assim sendo, ele se aliena no processo de criação. Nesse contexto, a solução do enigma da história desemboca da autocriação em uma autoalienação, depois em uma retomada das alienações. A criação se opera por intermédio do trabalho. O homem cria a si mesmo através da objetivação, da alienação e da retomada das alienações. Em que pesem as semelhanças de visões, Hegel focaliza o processo abstrato em que o espírito (a ideia) se envolve no processo de objetivação; na fase final, a do saber absoluto, ele retoma e conserva as aquisições anteriores. Enquanto Marx enfatiza o processo real, concreto e histórico. Em ambos sistemas de ideias, o trabalho aparece como o agente fundamental do processo de alienação e desalienação. “O trabalho é o devir para si do homem no interior da alienação ou enquanto homem alienado”. Mas Hegel vê apenas o trabalho abstrato do espírito. Vê apenas o lado positivo do trabalho e não seu lado negativo. Marx enfatiza o trabalho verdadeiro do homem concreto.

16. *O que é práxis? Comente os três sentidos de práxis identificados pelo professor Aron.* (questão 33 da 2ª lista)

A ideia de práxis surge na filosofia como uma ideia que descreve o caráter ativo da percepção, da atividade intelectual. Marx rejeita a interpretação puramente idealista do conceito e o aplica para descrever a atividade sensível-humana prática. Marx, como os idealistas, também reconhece o caráter ativo da obtenção do conhecimento, mas estende o conceito para incluir a atividade industrial que humaniza o mundo e o transforma por meio da ação revolucionária. Marx identifica três sentidos do conceito: 1) a prática revolucionária de transformar o mundo, 2) a atividade incluída na percepção e em toda atividade dos sentidos e do espírito e 3) a atividade industrial que muda o mundo.

17. *Compare, entre si, as visões da história de Marx e de Hegel.* (questão 38 da 2ª lista)

Marx identifica no devir histórico o mecanismo que torna necessária a retomada das alienações, e focaliza o movimento na relação entre as relações de produção e as forças produtivas. Hegel focaliza apenas o movimento dos conceitos, o movimento racional que explica a própria análise dos conceitos, o movimento de objetivação e alienação. Marx concentra-se no movimento histórico de alienação ligado ao movimento de objetivação. Procura explicar por que o desenvolvimento histórico toma a forma da alienação e por que o movimento de alienação se resolverá a si mesmo na revolução. Sendo assim, focaliza a natureza histórica do processo de autocriação do homem, oferecendo uma teoria da história que mostre a necessidade dos movimentos de alienação e de retomada das alienações.

18. *Para Marx e Engels, o que distingue o homem das demais espécies?* (questão 43 da 2ª lista)

A especificidade da espécie humana é que somente os homens são capazes de produzir seus próprios meios de existência. Tal capacidade estaria na origem da história, pois o homem transforma a natureza exterior e se transforma ao criar as condições de existência. Viceja então um processo de dialética na relação do homem com a natureza: ele ao mesmo tempo a transforma e se transforma. A história é apenas uma abstração. O ponto é que a base e o fundamento da história é o homem real que prossegue com suas metas. Mas também prossegue com o desenvolvimento da história.